

# A ETNOFOTOGRAFIA COMO MEIO DE CONHECIMENTO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

ELIANDA FIGUEIREDO ARANTES TIBALLI\*  
LUIZ EDUARDO JORGE\*\*

Resumo: *a par da problemática da inserção da comunicação não-verbal nas pesquisas realizadas pelas ciências humanas e em particular pela Educação, procuramos analisar, com o presente estudo, determinados aspectos constituidores da observação etnográfica por meio da fotografia e sua contribuição para a pesquisa em educação.*

Palavras-chave: *etnofotografia, realismo fotográfico, pesquisa em Educação*

*Na imagem, o objeto entrega-se em bloco  
e o olhar está certo disso – ao contrário do texto  
ou de outras percepções que me apresentam  
o objeto de uma forma frouxa, discutível e  
assim me levam a desconfiar daquilo que julgo ver.*

(Jean Paul Sartre)

63 **O** uso da imagem em processos pedagógicos não é recente. Comênio, já em meados do século XVII, ensinava a seus discípulos por meio de gravuras produzidas especialmente para seus textos didáticos ou por meio de obras de artistas plásticos da época. Não obstante, a imagem se manteve em um lugar marginal, seja em processos de ensino, seja em processos investigativos realizados no campo da educação. Em relação à pesquisa, esta situação é paradoxal, pois a Educação, há muito, vem incorporando o procedimento metodológico da investigação antropológica, seguindo o itinerário traçado com suas clássicas

técnicas de coleta de dados – a entrevista, o questionário e a observação –, mas deixando ao lado desse processo de assimilação metodológica o uso da fotografia, já comprovado como importante recurso para a pesquisa etnográfica.

Sabemos que os trabalhos produzidos no campo da Educação desde o final do século XIX tomaram a imagem fixa ou em movimento como objeto de pesquisa e estudo. O clássico exemplo do médico francês, Félix Louis Regnault, vendo a documentação etnofotográfica do comportamento, dos movimentos e das atitudes étnicas de uma ceramista *Ouolove*, teve a idéia de anunciar a criação de Museus da imagem etnográfica asseverando o seu caráter científico e pedagógico (REGNAULT, 1923, p. 4). Entretanto, o assunto requer estudos que dêem continuidade ao que já foi pesquisado, de modo que a diversidade de temas que envolvem a relação da fotografia com a produção do conhecimento das ciências humanas possam ser mais bem explicitados.

A fotografia teve a sua gênese com a descoberta da câmara obscura, a partir de estudos e experiências de caráter pictórico. Ao final do século XIX, a fotografia se libertara da condição de *portrait* levada a efeito pelo pictorialismo, para pretender alcançar a sua autonomia diante da pintura e se afirmar como linguagem visual de caráter não-verbal, com código e estatuto próprio. Tal intento foi alcançado com a industrialização da fotografia que a popularizou e difundiu, transformando a vida social, sobretudo a unidade familiar, em memória imagética. Assim, a fotografia passou a fazer parte indissociável da vida social, tornando-se um elemento visual imprescindível de tal modo que, fixar a realidade efêmera transformou-se em um ritual que cultua recortes do passado através do realismo plástico. A partir da segunda metade do século XIX, a recuperação da memória social por meio da imagem fixa transformou a fotografia em uma concepção seletiva da aparência.

Para a Educação entretanto, a fotografia, não sendo mais do que aparência, será apenas ilustração. Desta forma, nas pesquisas educacionais desenvolvidas ao longo do século XX, a fotogra-



Figura 1: Mãe e Filha Juruna.  
 Fonte: Jesco von Puttkamer, Acervo IGPA/UCG.

fia teve o seu lugar como substrato de ilustração ou então como lembrança de que o pesquisador esteve de fato no local em que pesquisou. Embora a fotografia tenha se tornado imprescindível na pesquisa de campo, a grande maioria dos pesquisadores que a utilizaram ignoraram as possibilidades investigativas dela decorrentes. A perspectiva estética do belo na didática do olhar foi uma característica da fotografia que a Educação procurou ostentar. Apesar disso, seu descaso para com a fotografia, entendida como meio de conhecimento, nos faz rememorar que se fotografaram inúmeras

situações pedagógicas sem a pesquisa e desenvolveram-se várias pesquisas sem fotografar.

A par desta problemática da inserção da comunicação não-verbal nas pesquisas realizadas pelas ciências humanas, e em particular pela Educação, procuramos, com o presente estudo, analisar determinados aspectos constituidores da observação etnográfica, através da fotografia, e sua contribuição para a pesquisa em Educação.

Este exercício monográfico representa para nós um esforço intelectual para expressar em palavras a complexidade do significado não-verbal da fotografia, visando explicitar a sua validade heurística para as ciências humanas que permanecem adormecidas no verbal<sup>1</sup>.

## OBSERVAÇÃO E REALISMO

O emprego da fotografia na pesquisa etnográfica coloca o pesquisador diante de dois problemas básicos: o primeiro diz respeito à natureza pedagógica da própria observação imagética, e o segundo refere-se à problemática de interpretação da etnoimagem no contexto das pesquisas educacionais. Desta forma, são inevitáveis as barreiras impostas ao pesquisador e ao fotógrafo, segundo o grau de objetividade e de rigor que se deseja com a pesquisa.

De um lado, verificam-se as limitações relativas ao conhecimento da Educação com respeito ao ato de fotografar. Neste caso, a tendência da didática fotojornalística quase sempre se impõe, privilegiando a observação de caráter exótico que permanece no ícone da pose. Poucos são os trabalhos fotográficos nos quais o pesquisador aborda com profundidade sincrônica a representação da vida social do grupo pesquisado, evidenciando os aspectos que tornam explícitos o objeto da investigação.

De outro lado, detecta-se o incipiente conhecimento do pesquisador em educação no vasto campo do saber fotográfico. Pode-se afirmar que grande parte dos pesquisadores das ciências humanas não reconhece o código fotográfico como

meio de conhecimento porque desconhece a sua natureza e o seu estatuto heurístico, representado pelo grau de verdade, confiabilidade e veracidade dele resultante. No campo da Educação, este fato agrava-se porque, embora o imaginário e a representação social estejam sempre presentes no âmbito da pesquisa socioeducacional, questiona-se a subjetividade da fotografia, mesmo sendo muito recente o uso da observação investigativa através do realismo fotográfico naquele campo.

Então, como consolidar a etnofotografia no campo da educação? Qual técnica de observação na pesquisa de campo é mais adequada? Finalmente, qual metodologia didático-visual deve ser utilizada pelos pesquisadores que trabalham com a etnofotografia no campo da educação?

Nossa experiência em pesquisa de campo, por meio do uso sistemática da fotografia, tem demonstrado que a sua própria natureza não-verbal materializa em imagem a representação do universo observado, sem que sejam necessárias indagações verbais que, muitas vezes, interferem negativamente no conjunto observado. O fundante da metodologia de observação, através da fotografia, é justamente a compreensão de que, ao observar, o pesquisador está construindo o seu ponto de vista com base no ponto de vista do observado. O pesquisador que fotografa, como um filtro cultural que observa o comportamento social, realiza um recorte espacial e temporal com base no ambiente que lhe é dado observar. Esse tipo de leitura da realidade resulta da interação sujeito-objeto, explícita e inerente ao ato de fotografar. A gênese do ponto de vista do pesquisador/fotógrafo se dá pela interação observador/observado, e não pela imposição do portador do saber fotográfico sobre o comportamento do grupo em estudo. Na observação etnofotográfica, o pesquisador está sempre se mostrando, ou seja, a sua presença se faz notar em função do instrumental que utiliza para a observação. Esta característica da etnofotografia, que torna o pesquisador/fotógrafo objeto de observação, colocado no campo ótico do grupo que ele observa, possibilita também a construção do diálogo referente aos objetivos a serem alcançados pela pes-

quisa. O pesquisador dificilmente escapará às indagações a respeito da fotografia de modo geral e do destino que será dado às imagens do grupo social fotografado.

A observação, de orientação metodológica clássica, dá ao pesquisador a ilusão de um distanciamento ou de isenção de seu objeto, como se ele pudesse estar ausente do ambiente observado. O pesquisador/fotógrafo, ao contrário, revela suas intenções no ato mesmo de fotografar, ao passo que a tendência da pesquisa etnogáfica no campo da Educação é a de ocultar as verdadeiras intenções investigativas do pesquisador. Este coloca-se no contexto observado de modo que a sua presença não se transforme em um elemento de interferência no espaço educacional que observa.

No enquadramento fotográfico do comportamento do grupo observado, entra e sai de cena um número infinito de elementos que, muitas vezes, interferem no planejamento de observação. Para o etnofotógrafo, entretanto, o que determina o enquadramento da observação é justamente a dinâmica do comportamento social que ele procura detalhar. Obviamente que, através da metodologia do visual, o pesquisador lida quase sempre com a representação que já tem do grupo observado, tornando-se possível perceber, pelo enquadramento, a visão cultural do pesquisador/fotógrafo, representada nas imagens resultantes de sua observação.

O estudo, a propósito de como se desenvolve a pesquisa fotográfica em Antropologia Social, poderá fornecer subsídios importantes para enriquecer a metodologia da pesquisa em Educação, por meio da fotografia. O método clássico em Antropologia Social determina que, na pesquisa de campo, o antropólogo deve relativizar os seus valores culturais e não ocultá-los. Mas, os critérios comportamentais determinados teoricamente na pesquisa antropológica quase sempre são alterados em sua íntegra.

Em um trabalho antropológico-visual, um dos critérios de seletividade da observação fotográfica é o conhecimento, de certo modo antecipado, do etnofotógrafo diante do conjunto das situações abordadas. A observação fotográfica

fica é determinada pelo fluxo da realidade social, daí a densidade característica da observação imagética. A problemática da utilização da fotografia em Educação também não deve ser entendida como substituição do instrumental de pesquisa do investigador. Ela deve, isto sim, ser incluída como recurso que, certamente, ocupará lugar na pesquisa de forma lúcida, a fim de cumprir com objetividade as finalidades da pesquisa. É perfeitamente possível na observação fotográfica distinguir uma piscadela maliciosa de uma contração muscular involuntária ou um tique nervoso. Esta outra característica da fotografia, a de distinguir o que sucede no decorrer do tempo social, traduz, desta forma, a veracidade e a confiabilidade inerente à percepção visual. A fotografia na pesquisa educacional recupera também à percepção observacional para transformar as situações aparentemente simples em dados visuais interpretados. Assim, a fotografia, para representar o real, se vale da soma de elementos da percepção, como, por exemplo, a intuição e a sensibilidade.

A partir da fotografia, a observação etnográfica passa a sofrer profundas alterações. Essas alterações vão desde a problemática do método de observação em si mesmo, passando por questões referentes ao modo como se relacionam o sujeito e o objeto, à ressignificação das dualidades linguagem visual e experiência; objeto e câmara; empatia e envolvimento; materialidade da fotografia e compromisso com o real. Com a observação fotográfica, nem objeto nem sujeito obtêm o caráter passivo ou ativo desejado pela pesquisa. É a própria dinâmica da relação que altera a interação entre o sujeito e o objeto. Com a fotografia, o sujeito comumente concebido na pesquisa etnográfica passa a ser também objeto de observação. Assim, sujeito e objeto, conceitos teóricos que definem papéis, passam, através do conhecimento sógnico da imagem, a consolidar um campo de observação mútuo manifesto na perspectiva onipotente do olhar. Há uma apropriação do mundo observado, em função da ruptura formal entre o sujeito e o objeto. Ao mesmo tempo, há uma desapropriação do eu e do outro, que permite o encontro do sujeito que observa



fotograficamente, o sujeito-outrem que também observa como é fotograficamente observado.

*Ao nível imaginário, a Fotografia (aquela de que tenho a intenção) representa esse momento deveras subtil em que, a bem dizer, não sou nem um sujeito nem um objecto, mas essencialmente um sujeito que sente que se transforma em objecto: vivo então uma micro experiência da morte (do parêntese), torno-me verdadeiramente espectro* (BARTHES, 1981, p. 30).

Há múltiplas vertentes de entendimento quanto à sistematização do conhecimento fotográfico. Verifica-se que, desde o advento da fotografia na primeira metade do século XIX, e o seu conseqüente processo histórico de industrialização, que resultou no fetichismo imagético, o paradoxo criado pelo desejo de arte em oposição ao mercado capitalista foi posto, inevitável e empiricamente, ao alcance do social. O exorcismo do humano, na perspectiva de sua imagem daguerreotizada, tornou-se a gênese fundante do pensamento plástico. Ainda que os processos físico, químico e óptico da fotografia consistam em procedimentos científicos, será de natureza fenomenológica o paradigma de toda a discussão teórica acerca de sua essência filosófica, artística e heurística. Qualquer resultado que se apresenta no *studium*<sup>2</sup> da fotografia, será sempre a medida do olhar, e, mais ainda, a constatação da observação. Será, então, a específica materialidade da fotografia em fixar imageticamente os seres e as coisas que atribui a ela a forma autônoma de representar mimeticamente o mundo concreto, imediatamente observado, transformando-o em objeto sígnico de contemplação e abstração humana.

Problematizar a fotografia como substrato da pesquisa etnográfica no campo da Educação continua sendo um desafio, dada a complexidade epistemológica do conhecimento iconográfico. Na caverna de Platão, título do primeiro ensaio sobre a fotografia apresentado em seu livro, *Ensaio sobre fotografia*, Susan Sontag, recupera o pensamento plástico fotográfico para além dos limites estéticos das sombras socrático-



platôniocas, que dão forma ao enquadramento projetivo das marionetes, visando a educação através da imagem. Sontag, inicia sua explanação com a seguinte observação: “ A humanidade permanece irremediavelmente presa dentro da caverna de Platão, regalando-se ainda, como é seu velho hábito, com meras imagens da realidade” (SONTAG,1981, p. 3) A caverna, na perspectiva da desmontagem teórica da fotografia, será o paradigma da construção do REAL.

O paradoxo do Mito da Caverna, no imaginário de Sócrates, é justamente a constatação da reflexão platônica a propósito da problemática da verdade no dualismo imagem e realidade. Na perspectiva antropológica, a realidade materializada através do ponto de vista imagético pertence a uma categoria da percepção que se dá a conhecer, a imagem tem a sua própria realidade e a realidade tem a sua própria imagem. Assim, aparência e essência não podem mais ser pensadas como categorias distintas na fotografia. A imagem da realidade não é aparência da realidade nem mesmo sombra e muito menos sua reprodução. A imagem da realidade é uma representação desta e só pode sê-la porque é representada através do ponto de vista visual. A imagem é a representação da realidade, objetiva e concreta, na sua ausência.

Assim, a sucessão de imagens que se resultam do “ato de fotografar”, vão sendo desencadeadas segundo o grau de familiaridade do pesquisador no contexto fotografado. Familiaridade passa a ser, então, sinônimo de intencionalidade. Esta característica da etnofotografia é denotada na imagem. Entretanto, cada imagem, como um fragmento da realidade, torna-se síntese da intenção da observação. Por outro lado, na observação imagética, a relação entre a fotografia subsequente e a precedente poderá ou não conter mensagens que permitam a continuidade do conteúdo da observação, conseqüentemente da abordagem do objeto. Uma imagem, muitas vezes, indica significado numa outra seqüência fotográfica, para a qual não fora elaborada.

71 Anterior e posterior são categorias antropológicas da fotografia que recebem significado metodológico impor-

tante no campo da Educação, porquanto o pesquisador se movimenta no espaço e no tempo de realidades sociais e culturais com normas e regras de comportamento específico. A fotografia recupera a imagem do futuro na relação presente/passado. Em um milésimo de segundo, ela fixa o futuro tornando-o passado através da atemporalidade social do presente, enquanto dimensão da vida. O real é a própria essência da fotografia.

Assim, ao introduzir a fotografia no processo investigativo, o pesquisador, a partir da orientação antropológica, poderá resolver o problema da observação através do registro imagético. Os resultados da observação certamente terão rigor científico e as informações serão precisas, pois, através da objetividade da fotografia os dados denotados fornecem elementos que, muitas vezes, a objetividade da informação, numa simples vista, deixa escapar.

E será mais uma vez o semiólogo Roland Brathes que dará o seguinte parecer sobre a fotografia: “Como fotografia é contingência pura e não pode ser mais do que isso (é sempre alguma coisa que é representada) – ao contrário do texto que, pela ação súbita de uma única palavra, pode fazer passar uma frase da descrição à reflexão –, ela revela imediatamente esses pormenores que constituem o próprio material do saber etnológico (BARTHES, 1981, p. 24).

Assim, a fotografia, além de fornecer os detalhes que constituem a essência do objeto, esmera a observação através do próprio exercício de fotografar.”Ao ensinar-nos um novo código visual, a fotografia transforma e amplia nossas noções sobre o que vale a pena olhar e o que efetivamente podemos observar” (BARTHES, 1981, p. 25).

O trabalho de campo, que deu origem à utilização da fotografia na pesquisa de caráter antropológico, foi a pesquisa desenvolvida em Bali, na Índia, por Gregory Bateson e Margaret Mead, ambos da antropologia norte-americana. Ao introduzirem a imagem fotográfica como meio de conhecimento na Antropologia, Bateson e Mead estavam, na verdade, experimentando uma nova metodologia de observação, a

qual passou da condição de observar e anotar a assumir a condição imediata de observar fotograficamente a vida sociocultural dos balinenses.

Assim concebida, a fotografia poderá fornecer não apenas resultados imediatos dos dados etnográficos ao pesquisador em educação, mas também fornecer, através do enquadramento e de sua filosofia de abordagem, a própria representação da situação observada. Esta característica da fotografia é determinante de seu estatuto singular. Pode-se afirmar que o que está representado na fotografia representa também a experiência visual do observador.

Bateson e Mead, como contemporâneos de Pritchard – parece que este autor não obteve acesso ao trabalho dos autores norte-americanos –, demonstraram que a observação fotográfica, ao contrário dos relatos pessoais, corresponde a uma epistemologia do visual, donde, a realidade dinâmica e corpórea é fundante de uma didática culturalmente visual.

A fim de demonstrar a metodologia da pesquisa visual, na prancha de número 15, *Aprendizagem visual E parento-Estética*, Bateson, faz notar: “Entre os balineses, raramente a aprendizagem depende da verbalização: ao invés disso, a metodologia apoia-se em visual e no cine-estético. O aprendiz é instigado a executar a ação por parte do professor, que segura os membros do aprendiz e movimenta-o corretamente” (BATESON; MEAD, 1942, p. 28).

Com base no exemplo de Bateson, ao invés de indagarmos se a fotografia é ou não capaz de se constituir como instrumento e meio de conhecimento da observação na pesquisa em educação, cabe perguntar: quais os critérios que fundamentam a sua utilização na pesquisa, e qual a metodologia visual que possibilita a orientação da observação?

Em primeiro lugar, impõe-se o problema de domínio do conhecimento da natureza da fotografia e do conhecimento cultural do grupo observado, por parte do pesquisador. Isso implica em saber do alcance e dos limites da observação por meio da fotografia para a construção do objeto que se pretende investigar.

Em segundo lugar, é preciso considerar a didática da observação visual, o que implica definir os objetivos e planejar a observação a ser registrada por meio da fotografia.

Em terceiro lugar, devem-se definir os fundamentos da pedagogia visual que orientará a análise dos dados observados. Neste caso, é preciso considerar os elementos que compõem o conteúdo da fotografia à luz do contexto histórico e educacional do objeto investigado.

Os três itens, entretanto, devem ser considerados como base para uma pesquisa no campo da Educação, por meio da fotografia. Aqui, são apenas citados, uma vez que cada um deles merece atenção e estudo aprofundado e, certamente, capítulos extensos.

Podemos concluir, de forma provisória, que a fotografia terá lugar na pesquisa educacional, à medida que a própria Educação superar as suas limitações de abordagem quanto ao uso de caráter ilustrativo que dela faz, e assumi-la como conhecimento visual autônomo na e da observação, seja no levantamento de dados educacionais, seja como resultado imagético do processo de investigação realizada. Pela própria complexidade temática, determinados problemas que dizem respeito à precisão da observação, objetividade metodológica, relação sujeito e objeto, linguagem visual e experiência observacional, empatia e envolvimento, materialidade da imagem e, entre tantas outras questões, à problemática da representação do real na pesquisa etnográfica realizada por pesquisadores da educação, devem permanecer como questão para o campo da Educação.

## CONCLUSÃO

A reflexão teórica sobre as possíveis relações entre Educação e Fotografia, por mais específica que se apresente, abre lacunas ainda não preenchidas. Haverá sempre uma ou outra questão sucedendo-se à medida que a dinâmica da experiência com a fotografia na pesquisa educacional vem revelando novos problemas.

Ao registrar fotograficamente o universo educacional de segmentos sociais diversos, estaremos descrevendo e interpretando a realidade através do realismo icônico? Ou estaremos diante de processos educativos representando nosso ponto de vista diante da experiência cultural, histórica e social de um determinado grupo? O que podemos afirmar sobre a imagem fotográfica de um determinado contexto educacional que se vê observado? O que conhecemos desse contexto, das relações entre as pessoas, de seus ambientes de trabalho, de suas expressões simbólicas, de suas percepções sobre a Educação, da aparência ou da essência do seu saber?

Para responder a essas perguntas, recuperamos de Boris Kossoy uma definição da fotografia na perspectiva histórica:

*Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente (KOSSOY, 1989, p. 101).*

Não obstante as especificidades da observação por meio da fotografia, as questões anteriormente colocadas são aplicáveis a qualquer tipo de linguagem que tenta interpretar uma dada realidade. Em verdade, a questão primeira restringe-se à possibilidade de apreensão do real, que se coloca permanentemente como indagação para o pesquisador que investiga no campo da Educação. Por certo, neste aspecto reside a grande contribuição da fotografia para a pesquisa educacional, uma vez que, reforçando Sartre na epígrafe e a foto de Jesco von Puttkamer da mãe e filha Juruna do Alto Xingu, o que a imagem fotográfica escreve no seu campo cultural como texto não-verbal abre sempre novas perspectivas epistemológicas à observação científica.

## Notas

<sup>1</sup> Sobre o uso da imagem na pesquisa de campo, ver Margareth Mead (1975).

<sup>2</sup> Para Roland Barthes (1981), o *studium* é o conteúdo cultural da fotografia.

## Referências

BARTHES, R. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 1981.

BATESON, G.; MEAD, M. B. C. *A photographic analysis: special publications of the New York Academy of Sciences*. [s.l], 1942. V. I, II.

KOSSOY, B. *Fotografia e história*. São Paulo: Ática, 1989.

MEAD, M. *The principles of visual antropology*. Paris: Paul Rodrigues, 1975.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, P. de S. (Org.). *Metodologias das ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001.

REGNAULT, F. L. *Films et Musees d'Ethnographie, Session de l'Association Française Pour l'Avancement des Sciences*. Paris, 1923.

SARTRE, J. P. *O imaginário*. São Paulo: Ática, 1979.

SONTAG, S. *Ensaio sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

*Abstract: the interpretation of the clay art in the Jequitinhonha must consider all social life of its producers. To study the clay art was a challenge because, as symbols, the pieces made acquire referrences in the dynamic of daily activities and experiences of their creators. Then I sought to relate these arts to the general dynamic of the artists in their manner of expressing feelings, the emotions of life. With the objective of exploring a sensibility which bases as so wide and deep refering to social existence, nothing was metric or measurable in the exercise.*

*Key words: clay art, Jequitinhonha, life stories*

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Goiás (UCG). *E-mail*: tiballi@terra.com.br

\*\* Professor do Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural da UCG. *E-mail*: lejorge@ucg.br